

# ESPECULAR

Nº 012 JULHO  
2024

Mulheres no  
centro narrativo:  
como começar a  
especular?

**APRESENTAÇÃO** por  
Mari Soares

**CONTO** por Stella D'Avansso

Uma figura colossal em armadura sangrenta e uma I.A. em forma de menina se encontram na feira, revelando um passado de batalhas

**ENSAIO** por Amanda Ribeiro

O protagonismo feminino em "A Casa do Dragão" e a revolta por mulheres que ocupam espaços de poder.

**ARTIGO** por Beatriz Rosany

A Ficção Ordinária Feminina

**ENSAIO** por Bianca de Sousa

com colaboração de Thainá  
Christine & Vitoria Martins



p.03

***Apresentação***

por MARI SOARES

p.05

***A Ficção como o espelho  
que reflete a Mulher no  
mundo real***

ensaio por BIANCA DE SOUSA

p.10

**ONNA**

conto por STELLA D'AVANSSO

p.13

***O protagonismo feminino  
em “A Casa do Dragão” e a  
revolta por mulheres que  
ocupam espaços de poder***

ensaio por AMANDA RIBEIRO

p. 18

***A Ficção Ordinária  
Feminina***

artigo por BEATRIZ ROSANY

## EM HOMENAGEM A MULHERES INCRÍVEIS

*apresentação  
por Mari Soares*

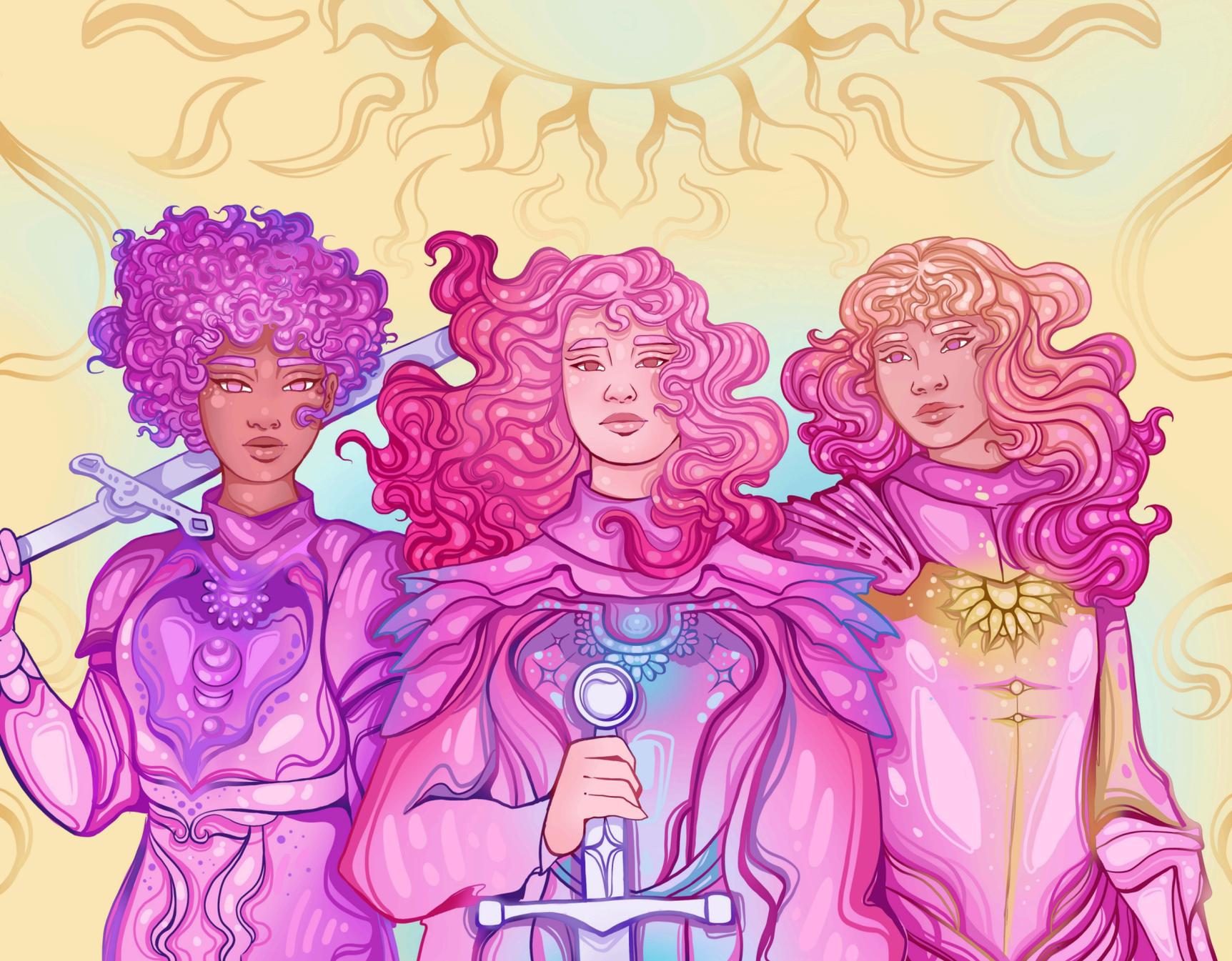
Quando eu era criança, adorava desenhar nas paredes da casa da minha tia Ana com lápis, escondendo-me logo em seguida, embora todos acabassem descobrindo mais cedo ou mais tarde. Minha tia é pintora, e em várias tardes eu a observava enquanto pintava flores nos panos de prato para suas clientes. Ela passava horas pintando em silêncio, ao som do rádio, seu pincel dançando entre o tecido e seus potes das variadas cores de tinta. Eu a admirava profundamente por conseguir criar flores tão majestosas.

Minha mãe é uma professora de artes aposentada. Ela desenha, costura, faz gravuras e, junto ao meu pai, cuida de mim e de minha irmã. Lembro-me de uma vez em que pintamos juntas a parede da sala de estar; o fundo era um azul marcante que preenchemos com muitas flores coloridas. Ela adora compartilhar comigo as fofocas do mundo artístico da época em que participava de exposições. Mamãe sempre apoiou minha jornada como ilustradora e é uma das minhas inspirações para alguns dos meus desenhos, com seu belo cabelo grisalho azul cheio de voltinhas, um detalhe que adoro ilustrar.

Minha tia Helena também é uma artista, que tem um viveiro de plantas e uma lojinha com suas criações. Eu costumava brincar dizendo que ela era uma fada disfarçada vivendo entre os humanos. Lembro-me de um dia em que ela reuniu meus primos e nos trouxe algumas pedras coloridas do jardim. Com uma delas nas mãos, ela a esmagou contra o chão, revelando um pó rosa que usamos como pigmento para desenhar. Foi mágico ver algo tão especial sair diretamente de seu próprio jardim e se transformar em arte.

Desenho desde que me lembro. Para mim, é tão natural quanto falar; não consigo imaginar minha vida sem desenhar ou expressar visualmente meus pensamentos. Comecei conscientemente com autorretratos no jardim de infância, uma jornada de autodescoberta ao perceber minha própria existência e identidade através do desenho. Esse processo de autoexame continua influenciando meu trabalho até hoje, expandindo-se para além de mim mesma. Minhas ilustrações celebram mulheres, com cores vibrantes e linhas fluidas. Elas são personagens poderosas e mágicas, protagonistas que me fortalecem, refletindo as mulheres da minha própria família.

Ao longo da história da arte, as pinturas de figuras femininas criadas por artistas homens predominaram, ocupando um lugar central de visibilidade. Por muito tempo, as mulheres possuíam destaque em produções artísticas apenas como modelos e musas idealizadas, principalmente durante o período Renascentista. As barreiras sociais dificultavam o acesso ao ensino de arte e não



“Guerreiras”  
arte digital, 2024

Arte inédita e  
exclusiva para a  
edição nº 012, por  
Mari Soares

as permitiam ocupar o papel de artistas e coexistir em lugares de destaque com homens.

Esse contexto continua a ecoar na atualidade; a sociedade carrega essa herança no próprio acesso à arte. O grupo de artistas Guerrilla Girls questiona: 'As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo? Apenas 6% dos artistas em exposição são mulheres, enquanto 60% dos nus representados são femininos'. A autoria feminina na arte se faz preciosa e significativa nesse quesito. Mulheres que desenham, escrevem, pesquisam e ilustram suas histórias, sonhos e lutas existem e são fundamentais para a expressão artística contemporânea.



**Mari Soares** (2002)

*É brasileira, artista independente e produtora de conteúdo. Trabalha na sua arte epítetos do feminino, vendo a arte digital como um caminho para expressão.*

ENSAIO POR Bianca de Sousa

# A Ficção como o espelho que reflete a Mulher no mundo real



A ficção chega a ser absurda em alguns momentos. Não possíveis, irrealis e até distópicas são algumas estórias, distantes do que conhecemos como “mundo real”. Acontece que, nem sempre as narrativas de ficção estão distantes de nós e a surpresa acontece quando o absurdo irreal da ficção se torna **apenas um reflexo da nossa realidade**.

Sim, a ficção entre os seus conceitos explora os limites entre possível e impossível, imaginário e curioso. Mas, mesmo assim, olhando pra realidades que se distanciam do mundo real, os espelhos que refletem ficção e realidade são fundados no que é o mundo hoje.

Na ficção, quando a sociedade é reformulada e a migração para outro planeta é a única alternativa de sobrevivência, ainda existe corrupção e desigualdade. Na ficção, quando reinos entram em guerra, ainda existe opressão de gênero e classe.

Na ficção, **quando** e **como** uma história é contada demonstra exatamente como é a realidade, mesmo que seja uma obra ambientada no passado ou no futuro. A base vai ter sempre um toque de realidade, por mais absurdo que seja, não somente em como essas histórias são contadas, mas também como são escritas e por quem as escreve.

Nesse sentido, mulheres são escritas e representadas na ficção com a mesma lente de como são lidas e apresentadas na sociedade. Quando uma mulher se vê na ficção, nem sempre é um espelho de quem ela é, mas de como ela é percebida no mundo real. Nesses casos, esse reflexo pode não ser tão positivo, mas não deixa de ser um despertar que reforça a identidade social da mulher na história da humanidade. Por outro lado, quando o espelho que reflete a representação feminina nas obras é um reflexo verossímil que expõe a pluralidade da mulher, escapamos de obras enviesadas e estereotipadas.

A seguir, vamos questionar o quão distorcido pode ser o espelho da ficção na realidade para mulheres e a importância do registro atual da mulher na ficção para compreender a participação dela na sociedade.

## O filtro histórico

A literatura, sobretudo a literatura de ficção, agrega à evolução da sociedade uma construção histórica do passado. Através das obras, a gente consegue ter um vislumbre de como eram os costumes, valores, política e democracia, portanto, os escritos se tornam mais do que criadores de mundos e expressão literária, mas também registros históricos.

A mulher na história da humanidade cresceu e se expandiu junto aos avanços da sociedade. Com o passar dos séculos, a figura feminina foi se transformando o suficiente para que, quando voltamos ao passado e temos um vislumbre de como a mulher era para sociedade, possamos entender o que são os avanços nas conquistas nos direitos da mulher, mas também onde houve retrocesso ou ficamos “paradas ao tempo” na sociedade patriarcal.



“Little Women” foi lançado nos cinemas dos Estados Unidos em 25 de dezembro de 2019 (Imagem/Reprodução: Sony)

No século XIX, quando a literatura feminina se torna uma possibilidade para mulheres escritoras, o que era antes a representação da mulher na ficção sob a ótica masculina passa a ter a **possibilidade de literatura complexa sobre personagens mulheres**. Na época, o papel da mulher estava sobre a visão masculina, então homens escritores e até mesmo mulheres inseridas naquele contexto histórico reproduziam sua realidade na literatura: mulheres dependentes do homem, submissas e frágeis. E hoje, por mais absurda que pareça essa a representação machista da mulher, não é uma fórmula que escapamos totalmente. Infelizmente ainda estamos inseridas em uma sociedade machista.

Percebe como a ficção não é tão absurda assim em alguns momentos?

## Às vezes, é só um reflexo

No primeiro texto que escrevi para a coluna de Mulheres na Ficção da Revista Especular, citei Louisa May Alcott, autora de *Mulherzinhas* (1868), como contribuinte para compreensão da figura da mulher para além do casamento e da maternidade. No mais, as personagens do

romance estão inseridas no contexto histórico da época, o que apoia o leitor na compreensão das limitações do desenvolvimento feminino no século do Romantismo. Porém, é possível perceber o quanto as mulheres, vivendo suas rotinas e seu cotidiano ainda demonstravam a pluralidade do feminino para além dos vieses.

*Mesmo as irmãs tristes devem ser tratadas com gentileza, porque perderam a parte mais doce da vida, mesmo que por nenhum outro motivo. E olhando para elas com compaixão, e não com desprezo, as meninas em seu florescimento devem lembrar que elas também podem perder o período de florescimento. Que as bochechas rosadas não duram para sempre, que fios prateados aparecerão nos lindos cabelos castanhos e que, aos poucos, a bondade e o respeito serão tão doces quanto o amor e a admiração [...]. (Mulherzinhas, 1861).*

Mais à frente, vemos mais dessa literatura quebrando os paradigmas do que era a figura da mulher. Entendendo como era plural, os autores se desafiam a **apropriar-se da complexidade da mulher para enriquecer suas narrativas**. No final do século, *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, nos apresenta a mulher mais complexa da literatura brasileira, Capitu, que até hoje é

centro dos debates a respeito da sua fidelidade para com Bentinho, protagonista da obra. Acredito que Machado era consciente da complexidade de sua personagem e, ainda assim, **Capitu é uma das mulheres mais reais e humanas que tive a oportunidade de ler.**

*[...] Era minuciosa e atenta; a narração e o diálogo, tudo parecia remoer consigo. Também se pode dizer que conferia, rotulava e pregava na memória a minha exposição. Esta imagem é porventura melhor que a outra, mas a ótima delas é nenhuma. Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição. (Dom Casmurro, 1899).*

A literatura escrita no passado ajuda a construir uma linearidade histórica do que era a realidade há um tempo atrás e isso se repete na imaginação para o futuro: daqui algum tempo, as obras atuais serão a referência de como a figura da mulher é hoje. O desafio, é entender como essa representação — ou reflexo — de fato impacta a percepção da realidade: se com um espelho distorcido sob a ótica masculina, ou se com veracidade, transparência e sensibilidade.

## A mulher plural e o reflexo da realidade

Passado ou futuro, o hoje da ficção é muito importante para entender como era a sociedade no momento do imaginário e curiosidade do autor. A representação da mulher na ficção no passado demonstra como antigamente era a participação feminina ao se contar uma história. O hoje da representação da mulher na ficção denuncia uma série de represálias e amarras patriarcais que ainda não foram desprendidas, mas também alerta leitoras meninas e mulheres para compreensão de como o mundo é para nós

Minha expectativa para o futuro da representação da mulher na ficção é, sobretudo, uma esperança de que histórias construídas e contadas mais a frente expressem ainda mais o que defendo: **de que a mulher é plural e multifacetária, portanto, assim devem ser suas representações.**

Mulheres de ficção inspiram mulheres reais, porque nelas são inspiradas. Assim como suas histórias e suas vivências. No fim, o reflexo do espelho realidade-ficção enriquece e empodera as mulheres reais, que se identificam com suas representações ou lutam para transformá-las; e enriquece também as personagens são escritas inspiradas na vivência plural das mulheres no mundo real.

Convidei mulheres escritoras e pesquisadoras do mundo real para compartilharem sua visão pessoal sobre **como enxergam e se enxergam sob o espelho da ficção quando são representadas.** Thainá Christine e Vitória Mendes compõem o timaço de colunistas de Mulheres na Ficção da Especular e, além de colaborarem com este ensaio, apoiam a ficção especulativa na construção de uma literatura sensível, mas também política. **Thainá responde que:**



Thainá Christine

*Quando eu era criança/adolescente, não tinha muitas mulheres na ficção que me representassem. Era difícil encontrar alguém parecida comigo, isso em várias camadas. Quando eu encontrava, a garota era retratada como mal amada, fria, de cara fechada e ignorada por todos. Representavam a mim como uma garota que, por ser mais fechada e intimista, sem sorrir para qualquer um, nunca iria ser amada e ter amigos fiéis, por exemplo.*

*E é bizarro imaginar que a ficção queira fazer você acreditar nisso. Queria fazer você*

*acreditar que as mulheres eram divididas em esteriótipos, estagnadas em uma forma de viver e sempre seguindo o que a sociedade achava como o certo.*

*Sei que a representação mudou agora. Consigo citar títulos em mídias diferentes que trazem a pluralidade feminina, tanto jovem como adulta. E isso causa uma fagulha de esperança e de respiro de alívio. Mas ainda não parece suficiente, e acho que nunca será.*

*Meninas ainda precisam se ver em desenhos; ver que podem tudo. Mulheres ainda precisam se reconhecer em filmes e séries; reconhecerem que são donas de si e de seus corpos, que seus traumas fazem parte de si.*

*Hoje, me vejo mais na ficção. Às vezes ainda retratada de forma errada, mas de vez em quando ainda encontro uma personagem que me enche os olhos e me faz ter vontade de dizer "essa sou eu".*

*identificamos com essa representação feminina, já que nem sempre todas seremos representadas, dentro disso vem a importância de estabelecer o espaço da real representação, que imediatamente me remete a escritora Conceição Evaristo, tomando para si a narrativa de sua própria história. Acredito que estamos cada vez mais perto de sermos lembradas, elogiadas, admiradas, reconhecidas e lidas, dentro e fora da ficção.*

Sobretudo, questionemos qual o impacto da representação feminina na ficção na vida real e como nos esforçamos para apresentar a realidade da mulher nas obras com toda complexidade e pluralidade de quem somos, mesmo em cenários distantes daqui.

### Já Vitória complementa:



Vitoria Martins

*A possibilidade de representação feminina na ficção foi o que fez e faz com que possamos enxergar a vida real em algumas obras lidas ao longo da vida, não sei se sentiria a mesma voz e me identificaria da mesma forma se estivesse lendo uma situação na qual não me identifico minimamente, e esse é o lugar da representação feminina na ficção, influenciando e narrando a vida real dentro da ficção e vice-versa. É só pensar em quantos livros foram escritos como denúncia de uma violência vivida na vida real, quantos pensamentos ficcionais foram usados como voz para mulheres caladas, a literatura tem esse poder, de mudar o mundo através da mudança de pensamentos (e não digo isso de forma exagerada, apesar de parecer).*

*Também podemos pensar o quanto nos*

Bianca de Sousa

(2001)



*Jornalista e comunicadora digital. Falo sobre muita coisa, escrevo sobre algumas delas. Amo comunicar ciência, tecnologia e inovação. Sou movida a mitologia, narrativa ficcional e... twenty one pilots.*

CONTO POR Stella D'Avansso

ONNA



# ONNA

*Um conto por Stella D'Avansso*

## 1

As poças d'água saltavam para toda parte em contato com as botas pesadas da figura misteriosa em sua gigante armadura que adentrava a feira. O movimento ritmado e o esvoaçar da capa negra eram quase tão intimidadores quanto a catana desembainhada, manchada por sangue e fluídos de humanos e andróides. Todos evitavam olhar para a criatura, todos na feira conheciam a cor característica da lâmina depois de uma batalha sangrenta. Próximos das barracas e abrindo caminho, todos prestaram silêncio em respeito às vidas ceifadas e alguns até rezaram para que outras não fossem tomadas pelo brilho sombrio da catana antes de o dia acabar.

Concluídas suas rezas, a feira toda observou que a imensa figura metálica escondia atrás de si um disco flutuante de reprodução de mídia. Abaixo do objeto que desafiava a gravidade era constituída uma imagem azulada em três dimensões de uma Inteligência artificial. A I.A. simulava uma graciosa menina que não devia passar dos 9 anos, com um vestidinho leve, pés descalços e os cabelos trançados.

As pessoas se entreolharam, enquanto observavam a dupla pouco a pouco chegando ao seu destino, uma banca próxima. Alguns olhos curiosos da feira esperavam o imponente capacete da figura misteriosa ser removido para revelar o rosto do monstro de metal.

— Onna! Não te vejo desde que você ainda era de carne — a mulher enrugada com dentes de ouro caía em uma gargalhada histérica do outro lado do pequeno balcão, dirigindo tal informalidade à gigante vestida de negro e sangue que todos pareciam nervosos com a possível reação de quem quer que estivesse dentro da armadura.

— Uma pastilha de tomate, por favor, Pli! — A voz doce e feminina vinda da armadura gerou ainda mais olhares assustados das pessoas que frequentavam a feira aquele dia. A grande guerreira de metal, percebendo a tensão desnecessária, retirou seu capacete e guardou sua lâmina mortal para o alívio da pequena multidão ao redor. As pessoas na feira entenderam, então, que se tratava de um ciborgue, parte máquina, alguma parte humana.

Os ciborgues tinham costume de comprar pastilhas aromáticas para sentir sabores, já que a alteração de seus órgãos por peças mecânicas quase sempre tinha efeitos colaterais em seus sentidos. Onna podia sentir os sabores graças à invenção das pastilhas, ainda que não pudesse digerir qualquer tipo de alimento. Era um truque psicológico para humanizar sua experiência.

Prontamente a comerciante retirou uma pequena pastilha vermelha de algum lugar em seu balcão.

— E a pequena, Onna? Quem é? — Pli direcionou os olhos amendoados à graciosa I.A. em seu vestidinho infantil, que brincava com os filhos dos comerciantes e outras crianças da feira. Sua leveza e inocência eram contrastantes ao porte e expressão carrancudos de Onna.

# 2

— Uma memória — os dedos de metal retiraram a embalagem da pastilha e posicionam a fina película vermelha em sua língua ainda humana. A mulher fechou os olhos para sentir o sabor se espalhar por seu corpo, sedento por sensações. Fazia isso sempre que enfrentava batalhas épicas, algo cada vez mais comum a ela. O seu momento foi interrompido pelo interesse inconveniente da velha pelo holograma.

— Uma filha perdida? — Onna fez que não com a cabeça, chamou a menina para perto e abaixou para ficar mais próxima da altura da simulação. Pli observou o carinho com que Onna segurava a pequena mão fantasmagórica da menina com suas garras robóticas. A feira admirava a cena, com curiosidade, esperando as respostas para a identidade de ambas as criaturas.

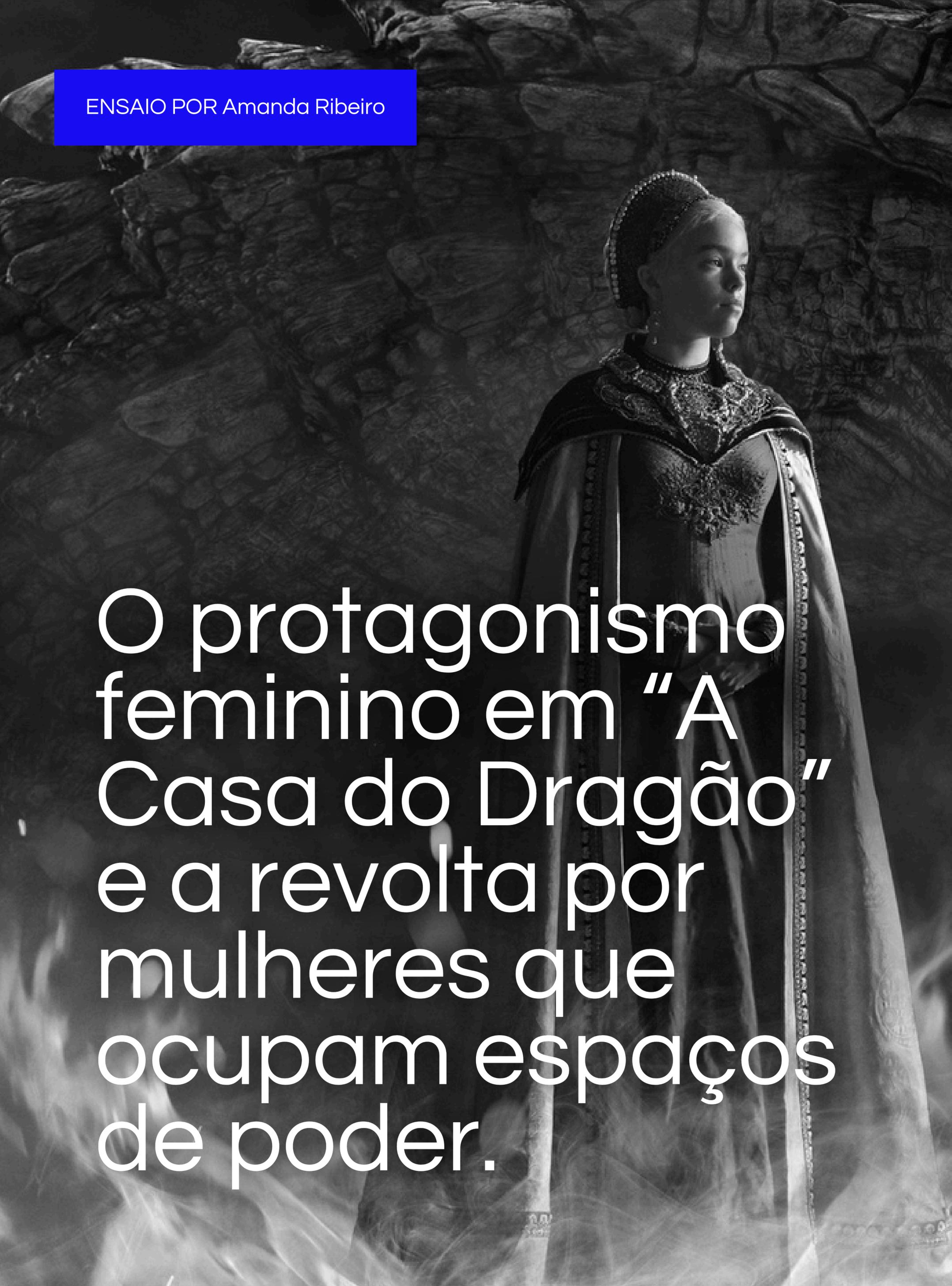
— Ela é o lembrete das coisas que eu fui um dia — com certo assombro, só então a velha Pli notou que o monstro de metal à sua frente e a doce menina tinham os mesmos olhos.



**Stella D'Avansso** (2001)

*Ficcionista, estudante de filosofia e educadora que escreve sobre realidades possíveis porque o presente é um convite extraordinário à especulação.*

ENSAIO POR Amanda Ribeiro



O protagonismo feminino em “A Casa do Dragão” e a revolta por mulheres que ocupam espaços de poder.

Baseada no livro “Fogo e Sangue”, de George R.R. Martin, “A Casa do Dragão” é um *spin-off* de “Game of Thrones” e aborda a história da Dança dos Dragões, uma guerra civil que ocorreu em decorrência da luta pelo Trono de Ferro entre os meios-irmãos Aegon II e Rhaenyra após a morte do pai, Viserys I. Apesar de Rhaenyra ser a filha mais velha, Aegon é o primeiro filho homem, e deverá ocupar o trono. Com isso, temos o grande cerne da questão: por que mulheres não são bem-vindas em espaços de poder?

A primeira temporada da série inicia com o Grande Conselho de Harrenhal decidindo a sucessão do rei Jaehaerys Targaryen, tendo como possíveis futuros ocupantes do trono Rhaenys e Viserys. A priori, a disputa teria como ponto central na decisão da sucessão dois eixos: ser a primogênita do rei e seu o gênero, sendo que, no final, Viserys é quem torna-se o herdeiro legítimo, determinando que o precedente para ocupar o maior cargo político dos Sete Reinos seria o filho homem mais velho de linhagem mais próxima do rei. Rhaenys, inclusive, ficou conhecida como “a rainha que nunca foi”, sendo a primeira a levantar a pauta de que o gênero masculino é priorizado na hora de escolhas políticas.

Assim, adentramos na história de Rhaenyra, a primeira filha de Viserys com a rainha Aemma, que tenta, há muito tempo, dar luz a um menino para agradar seu marido. Mesmo tendo ocorrido o parto de um filho homem do rei Viserys I com Aemma, tanto o bebê quanto a mãe faleceram. Ficando assim como possível herdeiro o homem mais velho e de linhagem mais próxima do rei, o irmão mais novo de Viserys, Daemon, que por diversos motivos foi banido de Porto Real durante um tempo.

A consequência é que Rhaenyra, a única filha do rei, é declarada como legítima herdeira do Trono de Ferro por seu pai, quem, inclusive, fez todos os nobres jurarem lealdade à futura rainha. Entretanto, após um tempo, Viserys casou-se com Alicent Hightower, melhor amiga de Rhaenyra na infância (e apesar de problemático o enredo desta união, não iremos adentrar no contexto), e teve mais quatro filhos (na primeira temporada só há três, mas na segunda Daeron já foi mencionado), sendo Aegon II seu primeiro filho homem.

Rhaenyra claramente fica abalada por saber do precedente que prevalece na hora de nomear a próxima pessoa a se sentar no Trono de Ferro. A garota acredita fielmente que será substituída e imagina que agora, com o nascimento de seu meio-irmão, seria como um mero “objeto” de troca para o seu pai. Mas, mesmo com a pressão da sociedade para que Viserys declarasse Aegon como seu herdeiro, o rei mantém Rhaenyra como legítima futura rainha, afirmando (na dublagem brasileira):

*“Você me julga mal, Rhaenyra. [...] Eu não quero te substituir, filha. [...] Eu hesitei, sim, uma vez. Mas eu juro a você agora, pela memória da sua mãe, você não será substituída” (temporada 1, episódio 3).*



Viserys (Paddy Considine) e Rhaenyra (Milly Alcock) em “A Casa do Dragão” (Imagem/Reprodução: MAX)

Essa decisão demonstra, na série, um ato de coragem do rei, que ocupou o seu trono apenas por ser homem. Podemos ver que ir contra a tradição e a vontade da maioria não foi uma escolha fácil, mas que ele a manteve até o seu fim, justamente por confiar fortemente na capacidade e no talento de sua filha, independentemente do seu gênero.

Devido às complicações de saúde, o rei Viserys I delira com a profecia de Gelo e Fogo do Aegon, o Conquistador (fundador e primeiro rei da dinastia Targaryen). Alicent escuta e interpreta errado, achando que o desejo final de seu marido é que o Aegon II, filho deles, torne-se o rei. Viserys falece logo em seguida e a Alicent e o Otto (seu pai, e mão direita do rei Viserys) decidem manter a morte em segredo enquanto armam, juntamente do pequeno conselho, um plano para coroar Aegon II.

Toda a população é levada ao Fosso dos Dragões e Aegon é declarado o rei dos Sete Reinos. Percebe-se então que, apesar de mais inteligente, ágil e comprometida com o trono (Aegon II é conhecido como tolo e imprudente, inicialmente nem desejava ser rei), Rhaenyra não é bem-vinda como rainha por muitos, apenas por ser mulher, tópico este que, apesar

de já ter evoluído na nossa sociedade, ainda se demonstra presente. O sexo feminino é frequentemente subjugado quanto à sua competência para ocupar espaços de poder, sendo associada à vida doméstica e suas funções atribuídas ao cuidado da casa e dos filhos.

Mesmo na nossa sociedade, o machismo está presente, não só em espaços políticos, mas em todo canto, afetando cada uma das mulheres que têm suas vozes silenciadas e suas representações anuladas. Com isso, suas necessidades ficam em segundo plano e os ambientes públicos são formados conforme as demandas masculinas, fazendo com que as mulheres tenham muito mais dificuldade em encaixar-se na sociedade, principalmente se decidirem não seguir os caminhos tradicionais.

Mesmo com o Trono de Ferro roubado, Rhaenyra é coroada na Pedra do Dragão, com a coroa de seu pai, pelo seu marido e tio, Daemon. Com a promessa de lealdade da família Velaryon, busca apoio de outras casas importantes, mandando seus filhos mais velhos como mensageiros. Luke, seu filho do meio, é morto pelo segundo filho de Alicent, Aemond, dando início à Dança dos Dragões.

Mas é notório, inclusive para a própria Rhaenyra, que Daemon procura comandar o exército de sua rainha e determinar como a guerra será travada, não se arrependendo de suas instruções que levaram à morte do filho homem do Aegon II. Ou seja, mais uma vez há um homem que não enxerga a sua mulher e rainha como apta para armar os passos necessários para conquista de seu trono. Daemon, inclusive, ainda enxerga o trono como sendo de seu irmão, Viserys I.

Quando confrontado por Rhaenyra, que acredita ter sido usada pelo marido como um instrumento para que ele pudesse apoderar-se de sua “herança roubada”, ao invés de afirmar que a aceita como sua governadora, ele apenas foge, tanto da resposta quanto da Pedra do Dragão e, antes de sair da sala, questiona a verdadeira intenção de Viserys ao nomear Rhaenyra como herdeira (na dublagem brasileira):

*“Acredita que ele te fez herdeira pela sua grande sabedoria, pela sua virtude? Ou ele a usou como instrumento para me colocar no meu lugar, porque ele tinha medo de mim? Porque ele sabia que o seu legado, diferente do meu, nunca ofuscaria o dele?” (temporada 2, episódio 2).*

Dentro do universo de “A Casa do Dragão”, a guerra é entre Rhaenyra e Aegon II, mas a verdadeira tensão e protagonismo da casa Hightower na primeira temporada é de Alicent. Os verdes são representados na figura da rainha que por muito tempo substituiu o rei Viserys I devido à sua saúde debilitada. Mesmo após a morte do rei, Alicent foi quem tomou a frente da situação e planejou a usurpação do Trono de Ferro, tendo em vista que o procedimento comum seria os sinos serem tocados e um corvo enviado para Pedra do Dragão, convocando a herdeira legítima.

Apesar de nítido que há um pouco de carinho entre as antigas amigas, mesmo que tentem não demonstrar, a série retrata muito bem retratado como um homem pode influenciar a inimizade feminina e enfraquecer as suas vozes e opiniões, até mesmo daquelas que conseguem chegar a postos de poder, manipulando cada passo para que outros homens continuem “reinando”, como fez Otto com Alicent, a rainha viúva.

É perceptível que estar à frente do poder político significa decidir o rumo histórico de várias vidas, entretanto não podemos esperar que um homem com o seu cargo de poder vá querer empoderar uma mulher, pois eles estariam ameaçando sua unanimidade. Tanto na série quanto na realidade, é notória a discrepância entre a participação feminina e masculina no âmbito político, visto que as mulheres ficaram de fora deste cenário por milhares de anos. Com isso, os homens vêm aproveitando-se dos seus cargos hierárquicos, que socialmente são dados como mais altos, para subordinar e abusar (física, psíquica e socialmente) de mulheres.

Os poucos espaços de poder que as mulheres ocupam não lhes foram entregues; elas tiveram que lutar e esforçar-se mais do que o normal para chegarem onde estão, e ainda são rebaixadas, tendo que frequentemente provar que são capazes de comandar e serem líderes tão competentes quanto homens (ou até mais). A revolta por trás dessas mulheres não poderia ser resumida de outra forma se não da seguinte forma: machismo e patriarcado revelam-se como forças arraigadas que dificultam a ascensão das mulheres aos espaços de poder.

“A Casa do Dragão” demonstra um cenário no qual mulheres, como Rhaenyra, enfrentam não apenas o desafio de reivindicar seu direito legítimo ao trono, mas também a resistência de uma estrutura patriarcal que as subestima. A



Imagem de divulgação de "A Casa do Dragão" (Imagem/Reprodução: MAX)

série não apenas retrata as complexidades das lutas políticas, mas também reflete uma realidade onde as mulheres continuam enfrentando barreiras similares em suas jornadas por igualdade de gênero e reconhecimento. Enquanto continuamos a enfrentar essas batalhas, é essencial reconhecer e apoiar as vozes femininas que buscam ocupar espaços de poder, contribuindo para um futuro minimamente igualitário.



**Amanda Ribeiro** (2003)

*Estudante de Direito e ambiciosa em causas ambientais.  
Fissurada por literatura filosófica, romântica e de suspense.  
Apaixonada por arte impressionista, gatos e música.*

ARTIGO POR Beatriz Rosany

# A Ficção Ordinária Feminina

## INTRODUÇÃO

A especulação ficcional, como prática literária, não se limita apenas à criação de mundos fantásticos ou distópicos; ela é também um meio poderoso de explorar e refletir sobre a realidade contemporânea. Para as escritoras, entrar nesse domínio muitas vezes significou enfrentar barreiras adicionais: desde a exclusão formal até a resistência cultural e estrutural em um campo predominantemente masculino. Esta dinâmica complexa entre especulação e realidade é especialmente evidente no contexto do modernismo literário, um período marcado não apenas por inovações estilísticas como o fluxo de consciência, mas também por uma profunda reavaliação das normas sociais e individuais.

Este artigo explora o papel das mulheres na especulação ficcional durante o modernismo, destacando como autoras como Virginia Woolf, Clarice Lispector e Dorothy Richardson utilizaram técnicas como o fluxo de consciência não apenas para contar histórias, mas para lançar um olhar crítico sobre a condição humana e as estruturas de poder de sua época. Ao examinar essas obras, buscamos compreender como a literatura especulativa não apenas transcendeu as fronteiras literárias, mas também ofereceu um espaço vital para a expressão e resistência feminina dentro de um contexto histórico desafiador.

## A INICIAÇÃO NA ESPECULAÇÃO FICCIONAL FEMININA: UMA ANÁLISE CRÍTICA

### RESUMO

Este artigo investiga o impacto das mulheres na especulação ficcional durante o modernismo, explorando como autoras como Virginia Woolf, Clarice Lispector e Dorothy Richardson utilizaram técnicas como o fluxo de consciência para desafiar normas sociais e explorar a condição humana. O período modernista, caracterizado por rupturas estilísticas e sociais, ofereceu um terreno fértil para a crítica das convenções através de cenários especulativos. As escritoras não apenas inovaram narrativas, mas também resistiram às estruturas patriarcais, ampliando o escopo da literatura para incluir vozes antes marginalizadas.

**Palavras-chave:** *especulação ficcional, modernismo, fluxo de consciência, Virginia Woolf, Clarice Lispector, Dorothy Richardson*

### ABSTRACT

*This article investigates the impact of women on speculative fiction during modernism, exploring how authors such as Virginia Woolf, Clarice Lispector, and Dorothy Richardson used techniques like stream of consciousness to challenge social norms and explore the human condition. The modernist period, characterized by stylistic and social ruptures, provided fertile ground for critiquing conventions through speculative scenarios. These writers not only innovated narratives but also resisted patriarchal structures, broadening the scope of literature to include formerly marginalized voices.*

**Keywords:** *speculative fiction, modernism, stream of consciousness, Virginia Woolf, Clarice Lispector, Dorothy Richardson*

A entrada na especulação ficcional como prática escrita é um feito imponente por si só. Dominar uma técnica literária e explorar um gênero exigem tempo, coragem e trabalho árduo. Para as escritoras ao longo da história, no entanto, o desafio é ainda maior devido a retaliações, apagamentos e a predominância masculina nas estruturas literárias. Para elas, a iniciação na especulação começa antes mesmo de escrever a primeira frase, marcada pela necessidade de entrar em um mundo pré-estabelecido que por muito tempo as excluiu formalmente, sem publicações em canais ou visibilidade no mercado. Para essas escritoras, a especulação começa na realidade.

Não apenas literalmente, mas através de movimentos feministas ao longo do tempo, obras como "Mrs. Dalloway" e "A Viagem a Petrópolis" de Virginia Woolf, e "Água Viva" de Clarice Lispector, convidam-nos a explorar tanto a realidade comum quanto o universo único e pessoal que reside na consciência.

Partindo do modernismo literário e da ascensão da técnica do fluxo de consciência como "a apresentação idealmente exata, não analisada, do que se passa na consciência de um ou mais personagens" (Carvalho, 1981, p. 51), este artigo tem como objetivo examinar a literatura escrita por mulheres que utilizam dessa técnica para apresentar uma realidade ampla, especulativa e vívida.

## CONTEXTO HISTÓRICO E MOVIMENTOS MODERNISTAS

Quando o mundo exterior se torna insuportável, é na imaginação de cenários presentes e futuros que encontramos alento. O modernismo, em

diferentes partes do mundo — especialmente na Inglaterra e no Brasil —, teve origem em um contexto pós-guerra mundial (na Inglaterra) e durante o surgimento de movimentos extremistas e governos totalitários. No Brasil, as fases do modernismo estão marcadas pela transição entre períodos como a República Velha, a Era Vargas e a Ditadura.

A resposta artística a esses tumultos sociais manifestou-se no desejo por liberdade e na quebra de padrões estabelecidos anteriormente. Muitas obras desse período exploram a busca por identidade e a psique humana através de diversos gêneros literários. A especulação proporciona um terreno fértil para a crítica das convenções sociais através de cenários e fantasias. Obras como "Admirável Mundo Novo" de Aldous Huxley, "1984" de George Orwell e "A Metamorfose" de Franz Kafka exemplificam narrativas únicas que refletem as experiências da época e questionam o futuro, o presente e a condição humana, como reflexo do mundo não ficcional.

## O PAPEL DAS MULHERES NA LITERATURA MODERNISTA

A narrativa ficcional fantástica ganhou complexidade e novas possibilidades através de figuras como James Joyce, que introduziu a técnica do fluxo de consciência em uma narrativa ainda ancorada na fantasia. Sete anos antes, "Telhados Pontiagudos" (1915) de Dorothy Richardson foi considerada uma das primeiras obras a utilizar essa técnica, sendo posteriormente aprimorada em sua série "Peregrinação", que narra de forma ordinária a vida de Miriam Henderson.

Dorothy Richardson, apesar de pouco

reconhecida na história literária, abriu caminho para escritoras como Virginia Woolf. A crítica à sua obra aponta para a extrema semelhança com a vida real, desafiando expectativas tradicionais de enredo. Esse novo formato narrativo questiona se uma obra tão casual pode ser considerada especulativa no sentido mais cru do gênero.

## CONCLUSÃO

A especulação na literatura não só abre portas para novas realidades distópicas, utópicas e ucrônicas, mas também permite que mulheres e outros grupos marginalizados critiquem as disparidades presentes na realidade conhecida. Durante o modernismo, as mulheres denunciaram as alienações e individualismos fomentados por modelos extremistas, registrando como o capitalismo e ideais totalitários reverberaram na psique humana. Suas narrativas não apenas resistiram às opressões da época, mas também explicaram o sucesso da literatura ao refletir a perda de interdependência humana.

Assim, a literatura especulativa escrita por mulheres no modernismo não só desafia estruturas pré-estabelecidas, mas também revela um universo rico e diversificado de experiências e reflexões sobre a condição humana, ampliando o escopo da literatura para incluir vozes antes silenciadas.



**Beatriz Rosany** (2002)

*É apaixonada por narrativa e como a transformar em essência. Além de escritora, é ilustradora e amante de RPG.*

# Valeu por especular

até o mês que vem!

*Todo o conteúdo desta revista será postado no blog do site. Sinta-se à vontade para comentar e criar uma rede de especulação por conta própria!*

[www.revistaespecular.com.br/blog](http://www.revistaespecular.com.br/blog)

Editoração por BIANCA DE SOUSA  
GABRIEL MELLO  
NICOLAS R. AQUINO

Design e diagramação por GABRIEL MELLO